

Transgredir ou estagnar? Desafiando Foucault na teoria da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI)

Transgression or stasis? Challenging Foucault in LIS Theory

John Buschman

Doutor em Estudos Liberais pela Saint Joseph's University, EUA.
Bibliotecário e professor: Georgetown University, Washington, EUA.
Email: jeb224@georgetown.edu

Resumo

Michel Foucault (1926-1984) é um pensador fundamental quando se considera a construção de uma teoria crítica para a Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), ou Biblioteconomia. O filósofo é amplamente citado e seus conceitos adaptados à interface entre a ciência da informação/biblioteconomia, o discurso e as relações de poder. Apesar de diversos autores terem abordado estes temas, Foucault preserva sua centralidade. A Biblioteconomia tomou para si o desafio de explorar sua obra, e é chegado o momento de revisar, cuidadosamente, as implicações do pensamento foucaultiano como base para uma ciência da informação crítica-teórica. A obra de Foucault tem sido alvo de críticas e análises extensas, e este artigo pretende tomar um caminho semelhante dentro da BCI. Embora não pretenda ser exaustivo, o artigo se propõe – através de um núcleo de autores – a realizar uma revisão das ideias foucaultianas dentro da BCI. Críticas e problemas do pensamento de Foucault são revistos, uma vez que se considera que os trabalhos teóricos da BCI podem refletir os mesmos problemas das perspectivas do autor aplicados para análise e pesquisa.

Palavras-chave: Michel Foucault. Biblioteconomia e Ciência da Informação. Críticas e problemas do pensamento de Foucault.

Abstract

Michel Foucault (1926-84) is a primary thinker informing the construction of a critical theory of library and information science (LIS), or librarianship. He is widely cited and is adapted in various ways that focus on LIS forms of power, discourse, and so on. Others have addressed Foucault's topics, but he remains central. Librarianship has taken up a prior challenge to more fully explore his work, and it is now time to carefully review the implications of Foucault's thinking as a foundation for a critical-theoretical LIS. Foucault has undergone extensive analysis and critique, and this article is a similar step within LIS. While not comprehensive, a review of Foucaultian ideas within LIS literature from a core group of authors is undertaken. Critiques and problems in Foucault's thinking are reviewed since, by relying on Foucault's insights for a line of analysis and research, this LIS theoretical work will reflect some of those same problems.

Key Words: Michel Foucault. Library and Information science. Critics and problems in Foucault's thought.

Introdução

Michel Foucault (1926-1984) tem sido apontado como uma das fontes principais na estruturação de um projeto para uma teoria crítica viável para a Biblioteconomia e Ciência da

Informação (BCI), ou Biblioteconomia¹. Ele tem sido amplamente citado e seus conceitos adaptados em diversos trabalhos que focam, dentro da BCI, as relações de poder, discurso, arqueologia, silêncios, exclusões, conceito de “outro”, dominação e micropráticas nos últimos 15 anos de teoria crítica da BCI. (BUDD; RABER, 1998; BUDD, 2001; DICK, 1995; FROHMANN, 1992; FROHMANN, 2004; RADFORD; RADFORD, 2001; RADFORD, 2003) Por exemplo, a revista *Library Quarterly* (LQ), quando faz a chamada de trabalhos relativos a abordagens discursivas contextuais da informação para um fascículo próximo, está subsidiando uma linha de análise fortemente influenciada por Foucault. Note-se que “nos últimos anos os pesquisadores da BCI começaram a explorar [...] de que forma as pessoas se dão conta do seu comportamento informacional e como constroem os significados dos artefatos técnicos no trabalho e na vida cotidiana”. Isto mostra que as chamadas para publicação enfatizam a importância de compreender, como as práticas informacionais se constroem no discurso [...] de uma perspectiva sociológica mais ampla (ver as chamadas para publicação no suplemento especial da LQ dedicado a abordagens discursivas contextuais da informação disponível em <<http://librarycareers.blogspot.com./2006/02/final-reminder-call-for-papers-four.html>>).

Os conceitos básicos foucaultianos tais como discurso, conhecimento socialmente construído e artefatos estão implícitos naquelas chamadas para publicação. Foucault descreveu as práticas discursivas como “não pura e simplesmente formas de produção do discurso. Elas estão incorporadas nos processos técnicos, nas instituições, nos padrões de comportamento, nas formas de transmissão e difusão e em formas pedagógicas que, de uma maneira ou outra, as impõem e as mantêm” (FOUCAULT, 1977, p.200; FOUCAULT, 1972,

¹ Uma teoria crítica da BCI/Biblioteconomia refere-se aos esforços para explorar várias posições teóricas e filosóficas e seus significados no espírito de colocar criticamente em discussão o escrutínio de premissas escondidas no sentido de orientar trabalho e pesquisa – com base, em grande parte, em uma crítica ao positivismo [1]. Os termos Biblioteconomia e BCI são aqui utilizados como sinônimos, incluindo pessoas e instituições das três áreas tradicionais de bibliotecas públicas, acadêmicas e escolares, e também aqueles que pesquisam e teorizam sobre o campo. Este é um argumento inerente contrário às divisões artificiais entre prática, teoria e pesquisa. Finalmente, uma nota em relação aos termos “teoria” e “teórica” se faz necessária. Um estudo recente, útil, no uso de “teoria” na literatura da BCI revisa muitas definições do termo, mas entende “teoria como algo tão amplo que possa ser abrangente” para incluir artigos que o termo teoria tenha sido mencionado muitas vezes [2, p.65]. Eu me aproprio de Sheldon Wolin [3,p.1969, 1080] não é suficiente citar “lugares comuns, isto é, que os fatos são sem sentido, sem concepções teóricas, ou que o significado que os fatos adquirem da teoria é comprado ao preço de moldar os fatos à perspectiva teórica empregada”. Mais que isto, a distinção importante para ele é que o problema seja, realmente, um problema “teórico”, isto é não “técnico, em natureza [ou] a maneira mais direta de atingir metas já estabelecidas”. Wolin afirma que a teoria deveria preocupar-se com o “erro sistemático”: arranjos incorretos e ação errada [tais como] injustiça, alienação e exploração [que não são] consequências aleatórias de um sistema, mas [sim consequência de] um extenso conjunto de [problemas] que pode provavelmente será mantido. O trabalho teórico em resposta “procura deslocar” o erro sistemático, frequentemente terminando em uma crítica radical.

p.38). O conceito é entendido aqui como entrelaçamento de “[...] práticas não documentárias [...] com linguagem, símbolos, desenhos, propaganda, ideologias e produção documentária” (RADFORD, 2004, p.231). Da mesma forma, as referências às práticas e saberes socialmente construídos utilizam-se das análises realizadas por Foucault dentro das Ciências Humanas: “sob a crescente permissividade da punição, existe todo um novo sistema de verdade e um conjunto de regras até agora desconhecido no exercício da justiça criminal. Forma-se um *corpus* de saberes, técnicas, discursos científicos que se confunde com as práticas de poder destinadas a punir”(FOUCAULT, 1979, p.22-23). Finalmente, quando estuda particularidades e os significados construídos de artefatos do cotidiano, Foucault preocupa-se com os silêncios e com aquilo que passou despercebido (FOUCAULT, 1981a; FOUCAULT, 1981b) – permitindo que uma polícia obscura, os manuais prisionais, os textos médicos e as instituições arquitetônicas falassem por si próprios. Isto significa que estas práticas devem “ser vistas sem foco no sujeito [...] revelando um nível de inteligibilidade nelas próprias” (POSTER, 1997, p.143). Olhando o mundo (do ponto de vista informacional) e analisando como construímos nossas práticas e investimos em nossos artefatos, construímos o conhecimento de baixo para cima, despreocupados com a compreensão dos sistemas lógicos, mas “com as características que auxiliem a reverter as estratégias tradicionais que busquem a continuidade” (POSTER, 1997, p. 145; FOUCAULT, 1972). As chamadas para publicação representam uma linha de questionamento e pesquisa profundamente influenciada pelos trabalhos de Foucault com suas consequências na Biblioteconomia, seja para o avanço ou para o retrocesso.

Uma miríade de pensadores debruçaram-se sobre conceitos filosóficos de Foucault, tais como texto, poder, exclusão, linguagem, representação, comunicação e a fragmentada, incomensurável natureza do conhecimento. Jacques Derrida, Ludwig Wittgenstein, Ferdinand de Saussure, Jean-François Lyotard, Jean Braudrillard, Gilles Deleuze, Jacques Lacan, Richard Rorty e Roland Barthes são os pensadores-chave geralmente relacionados com Foucault (KUMAR, 1997; LINN, 1996; POSTER, 2005; SARUP, 1989). Ainda assim é Foucault quem está no centro desse projeto teórico. Por exemplo, os trabalhos de linguagem como um sistema representacional de Saussure (significados) são citados em um artigo sobre estudos culturais e imagem em Biblioteconomia. Suas ideias passam pela obra de Stuart Hall, que faz a ligação-chave entre o trabalho de Foucault, as representações estereotipadas e o poder. Embora ambos, Saussure e Foucault, sejam igualmente citados, são as noções de Foucault sobre análise das representações (estereótipos midiáticos dos bibliotecários... que, em última análise, constroem o status econômico e de poder de um tipo profissional) que

embasam a análise do artigo em questão (RADFORD; RADFORD, 2003, p.59). O mesmo pode ser dito de outro artigo já citado aqui: ainda que o texto se utilize das ideias de Lyotard e Baudrillard, é o conceito de discurso de Foucault – novamente citado mas também perpassado pelas ideias de Mark Pôster, Nancy Fraser e Marike Finlay (FROHMANN, 1992) – que embasa as análises. A questão não é desvelar cada ponto da influência de Foucault embutida na teoria crítica da BCI, mas enfatizar que é Foucault – e não aqueles comumente ligados a ele – que representa o peso desta influência. Por exemplo, dois trabalhos recentes colocam Foucault no centro deste esforço: os estudos de Karen Pettigrew e Lynne McKechnie identificam um conjunto de trabalhos centrados na teoria das ciências humanas no qual Foucault, seus conceitos e pensadores relacionados são predominantes (PETTIGREW; MCKECHNIE, 2001) enquanto Ronald Day (2005) coloca Foucault no centro da teoria desconstrutiva da BCI.

Um grupo central de bibliotecários parece ter tomado para si o desafio proposto por Michael Harris (1993) e Wayne Wiegand (1999) para explorar os trabalhos de Foucault mais profundamente. E, tendo respondido a este desafio, é chegado o momento de olhar mais de perto as implicações do seu pensamento, que já tem passado por extensas análises, revisões e críticas. Este artigo é um primeiro passo nessa direção dentro da BCI. Não será uma revisão exaustiva de cada noção foucaultiana ou mesmo das citações de sua obra que perpassa a literatura, mas uma revisão dos temas comuns usados por aquele grupo de autores da BCI, envolvidos com o projeto acima mencionado. O trabalho desses autores usa ou explora proeminentemente as ideias de Foucault, aparecem nos mais prestigiados periódicos que veiculam teoria (no estudo anteriormente citado – e são assim, largamente citados e influentes), e evitam abordagens metodológicas construtivistas (do ponto de vista social ou qualquer outro), evitam também estudos de usuário, e noções de busca, noções essas que fogem às críticas epistemológicas apontadas por Foucault sobre o binômio sujeito/objeto, conteúdo e agenciamento, relacionadas ao positivismo (BUSCHMAN, 2006; DAY, 2005; PETTIGREW; MCKECHNIE, 2001; WOLIN, 1969). Este artigo abordará então críticas e problemas no pensamento de Foucault com o pressuposto de que alguns dos problemas encontrados nos *insights* de Foucault, a respeito de uma linha de investigação e pesquisa, possam refletir-se na teoria da Biblioteconomia.

Temas foucaultianos na BCI

Esta revisão e a amostragem de Foucault na Biblioteconomia não pode fugir à questão identificada por Michael Walzer: uma reconstrução construtivista de Foucault, uma vez que ele “nunca apresentou [suas ideias] dentro de um modelo sistemático”; suas ideias apenas sobrevoam o campo, passando por cima, e há que considerar esta autonegação. Por exemplo, a despeito da participação de Foucault na desconstrução radical do significado de autor, ele simplesmente “toma a si próprio como um autor no sentido convencional” reivindicando a plausibilidade de seguidores, que tradicionalmente realizam projetos de pesquisa dentro de linhas propostas por seus escritos autorais (WALZER, 1988, p.193-194). Pôster (1997) também enfatiza alguns desses mesmos aspectos. Ainda esta revisão não quer provocar um desacordo em relação a uma interpretação correta de Foucault. Ao contrário, seguindo o espírito do seu projeto, tomará essa apropriação enquanto discurso. Feitas essas ressalvas, as ideias de Foucault apropriadas e usadas na teoria crítica da BCI serão aqui agrupadas em quatro temas: discurso, saber/poder, fantasia e arqueologia/genealogia. Antes de entrar, propriamente, nesses temas, é importante notar que um uso comum e primordial do pensamento de Foucault – aquele da crítica ao positivismo e à razão instrumental – não será retomado, uma vez que já está extensamente discutido na literatura - veja o sumário dos sumários em Buschman (2006), não sendo necessária sua revisão nesta oportunidade.

Discurso

A ideia mais influente no trabalho teórico da Biblioteconomia apropriada de Foucault é o conceito de discurso – já mencionado anteriormente e aqui reafirmado como “práticas que sistematicamente formam o objeto de que falam” (SARUP, 1989, p.70). É o discurso, no sentido foucaultiano, que tem prevalecido nesta literatura, fundamentalmente como uma forma de autorreflexão crítica. Por exemplo, Berend Frohmann (1994, p.120-121) tem há muito argumentado sobre a importância da análise de discurso, que “toma o discurso como objeto de análise”. O discurso da BCI é um conjunto de atos de fala realizados por falantes institucionalmente privilegiados, “[...] desde pelo menos 1886 até hoje, os discursos da BCI são profundamente entrelaçados por formas institucionais específicas, através das quais o poder sobre a informação, seus usuários e seus usos tem sido e continuará a ser exercido”. A partir desta base, Frohmann caminha no sentido de argumentar sobre a conexão entre o

discurso e as práticas documentárias em Biblioteconomia, construindo em cima de outros *insights* de Foucault, sobre a documentação a respeito da vigilância e sua participação nos “mecanismos de disciplina” (FOUCAULT apud FROHMANN, 2001, p.18). Desde aí Frohmann tem, criticamente, focalizado nas práticas discursivas e documentárias e na resultante autoridade investida em ciência, Ciência da Informação e no papel da BCI em privilegiar epistemologias instrumentais, formas de saber e definições que obscurecem a operação de poder (FROHMANN, 1992; FROHMANN, 1994; FROHMANN, 2001; FROHMANN, 2004). “A teoria da BCI é pouco reflexiva sobre o que está subjacente às suas instituições, de forma a garantir a hipótese de que a invisibilidade do poder é a consequência de uma estratégia discursiva deliberada” (FROHMANN, 1992, p.368).

Gary Radford (com diferentes coautores) explora ideias semelhantes: “a chave para compreender a produção do conhecimento científico não são os fenômenos do mundo, mas os sistemas instituídos do [...] discurso nos quais certas proposições sobre o mundo podem ser consideradas objetivas e outras não” (RADFORD, 1992, p.417). Entretanto, seria justo considerar Radford um autor que se dedicou mais a práticas e imagens específicas de bibliotecas e bibliotecários como o discurso a ser desvelado. Por exemplo, ele sempre cita como base de análise, coleções organizadas de textos bibliotecários e o “conjunto de regras [através das quais] o verdadeiro e o falso são distinguidos” (RADFORD, 1992, p.418) ou o contraste entre a biblioteca como discurso sob controle/vigilância e o poder implicado nela e (algumas vezes) o discurso midiático de imagens estereotipadas de bibliotecários (RADFORD, 1997; RADFORD; RADFORD, 2003). Ele é o autor mais explicitamente preocupado em explicar Foucault e seu significado para este campo do conhecimento, argumentando que “o discurso, por si só, é um objeto legítimo de questionamento”, continuando a escrever no artigo escrito sobre o artigo anteriormente escrito e lido em um dado momento: “o que é importante não é o que uma sentença significa mas o que efetivamente aparece no artigo”. Radford explica que tudo isto compõe um “enunciado” foucaultiano, sendo que o que importa não é sua veracidade, mas sim sua existência em relação a outros enunciados e “as condições nas quais os textos aparecem” (RADFORD, 2003, p.4). Usado, simultaneamente, como uma ferramenta/método e como uma maneira de definir vários textos/enunciados/atos de fala como objetos de estudo, a análise de discurso foucaultiana é sempre usada como forma de atingir práticas reflexivas no campo (BUDD; RABER, 1998; BUDD, 2001; TUOMINEN, 1997).

Saber/Poder

Não se pode deixar de notar que a noção de poder e conhecimento está fortemente entrelaçada com discurso e saber – juntos, estão fortemente entrelaçados com o pensamento de Foucault: “uma sociedade sem relações de poder só pode ser uma abstração” (FOUCAULT, 1982, p.791). “O desenvolvimento de [...] campos do conhecimento não pode ser dissociado do exercício do poder [...] o fato de que as sociedades podem se tornar objetos de observação científica, que o comportamento humano torna-se [...] um problema a ser analisado e resolvido [...] está todo conectado [...] com mecanismos de poder [...] o nascimento das ciências humanas vai a par e passo com a instituição de novos mecanismos de poder [...] de fato, a verdade é sem dúvida uma forma de poder” (FOUCAULT, 1988, p.106-107). “Saber e poder implicam-se diretamente um no outro [...] Não há relação de poder sem a correlativa constituição de um campo de saber, nem qualquer conhecimento que não pressuponha e constitua, ao mesmo tempo, relações de poder” (FOUCAULT, 1979, p. 27). Repetidamente, neste trabalho de revisão, a teoria e a pesquisa da BCI e as práticas cotidianas da Biblioteconomia são citadas como exemplos básicos do poder foucaultiano – particularmente em vista do clamor por neutralidade/objetividade. Por exemplo, “os efeitos das [...] abordagens positivistas são claramente identificáveis no sentido em que a profissão abraçou os ideais de neutralidade e objetividade, procurando formular leis e generalizações aplicáveis às atividades relacionadas às bibliotecas” (DICK, 1995, p. 221). Foi através “das análises de saber e poder de Foucault [...] que a constituição de um ‘campo específico de saber é [agora visto como] um ato político que simultaneamente configura um campo de ‘não-saber’” (FROHMANN apud DICK, 1995, p. 229).

A organização dos textos apresentada anteriormente é emblemática em relação ao saber/poder e sempre citam, diretamente, os comentários de Foucault nos espaços apertados das bibliotecas e dos sistemas de legitimação de publicações, livros e bibliotecas (FROHMANN, 2004; RADFORD, 1992; RADFORD; BUDD, 1997; RADFORD, 1998; RADFORD; RADFORD, 2005). Finalmente, Radford explorou o tema do poder relacionado com o estereótipo do bibliotecário/biblioteca e medo, via uma linha de análise baseada em Foucault (FROHMANN, 2004; RADFORD; RADFORD, 1997; RADFORD; RADFORD, 2003). Estereótipos pouco atrativos e sem poder são vistos, por si próprios, como um exercício do poder (ou violência simbólica), irônica ou contraditoriamente confrontados com

os perigos de um discurso não controlado, contra os quais as bibliotecas tradicionalmente têm se posicionado. Estas ironias caminham em ambas as direções, já que as bibliotecas/bibliotecários exercem o poder através da organização de princípio/violência das instituições, mas permanecem [eles mesmos] sem poder. O poder – e o que constitui o saber profissional e a prática – tornam-se elementos-chave a serem descobertos (geralmente através da análise de discurso).

Fantasia

Outra ideia particular trazida de Foucault é a noção de “fantasia da biblioteca”, baseada na sua leitura cuidadosa de *A Tentação de Santo Antônio*, de Gustave Flaubert (FOUCAULT, 1977) revelando a razão na forma de alucinação, sonhos em forma de estudo e, como tal, ambos os aspectos se tornam significativamente enfraquecidos (RADFORD, 1998). Na análise de Frohmann, é a ciência que é fantasia produzida pelo regime discursivo da organização da biblioteca (e das teorias da BCI). Foucault demonstra que, subjacente à aparente exaltação religiosa da obra de Flaubert sobre Santo Antônio, há uma meticulosa erudição que constitui um comentário acerca da biblioteca, da proliferação de textos e da relação entre estes (FROHMANN, 2004). Ambos, Gary Radford e Frohmann chegam a conclusões similares a loucura entranha-se na ordem da biblioteca, que por sua vez coloca ordem na loucura da alucinação (RADFORD, 1998). Novos textos trazem novas ordens, novas possibilidades e novos mundos (fantasias), assim como os textos influenciam a leitura de outros textos associados, e isto configura a proveniência – e a contradição dentro – das bibliotecas, que afinal de contas buscam institucionalizar arranjos particulares de textos (RADFORD, 1992). Enquanto Frohmann (2004) e Radford; Budd (1997) usam esta metáfora e análise para desvelar e descentrar a epistemologia de textos de ciência e da BCI, Radford argumenta que isto representa uma epistemologia fecunda, que traz possibilidades antes inexistentes no discurso da Biblioteconomia – como o valor de textos menos creditados e insights de usuários não doutrinados (RADFORD, 1992; RADFORD, 1998).

Arqueologia/ Genealogia

Da mesma forma que saber/poder, os conceitos de genealogia/arqueologia são muito entrelaçados em Foucault:

estou trabalhando em uma história da ciência que [...] busca descobrir as práticas discursivas, institucionais e sociais de onde estas ciências emergem. Isto seria uma história arqueológica [...] Descobrir o ponto a partir do qual estas práticas tornam-se técnicas, coerentes [e] o ponto no qual um discurso particular emerge destas técnicas e passa a ser visto como verdade, o ponto através do qual estas são conectadas com a obrigação de buscar [...] e dizer a verdade [...] é construir uma genealogia do sujeito. O método é uma arqueologia do saber (FOUCAULT, 1993, p.223).

Jon Simons destaca que Foucault conceitualmente saiu de uma “tarefa da arqueologia” para uma “crítica genealógica para caracterizar seus estudos históricos”. Sua Arqueologia visou a “forma de poder que fabrica sujeitos individuais” via desenvolvimento das ciências humanas (SIMONS, 2004, p.187-89), enquanto sua genealogia representa “tentativas de reconstituir as origens e o desenvolvimento dos discursos ao mostrar seus caminhos em um campo de forças” (POSTER, 2005, p.359). A contingência e a fragilidade das formas históricas são seus alvos específicos, mas eles estão embutidos em sua preocupação com grandes temas do pensamento ocidental, tais como a suposição do “‘sujeito’ [...] um ego objetivamente estável e soberano [como] a fonte e a base de todo conhecimento [e] forças trans-históricas como o capital de Marx ou o inconsciente de Freud” (SAID, 2000). Como Foucault, a literatura da BCI usa esses termos mas também os esconde.

John Bud (2001) adapta a genealogia de Foucault como um termo para descrever seu projeto geral de “ilustrar os vários ramos [do pensamento e filosofia da BCI] provenientes da linha principal, demonstrando assim a variabilidade do pensamento” situado dentro da crítica acima mencionada ao positivismo. Embora o autor não concorde com Foucault em alguns aspectos (tais como a existência da verdade), ele ainda considera o conceito convincente e bastante próprio:

a influência não é simples [...] todo pensamento é parte da genealogia e, mesmo que possa haver competição ou supressão, existe também a possibilidade de atribuir mérito com base na razão e solidez intelectual [e] o presente projeto tenta resgatar ao menos alguma pista sobre as origens da maneira corrente de pensar na BCI. (BUDD, 2001, p. 90).)

Por sua vez, Gary Radford (2003, p.16-17) reivindica uma arqueologia da BCI com objetivos similares: “o que Foucault acrescenta à compreensão do passado do campo é a constatação de que invocar esta história não significa simplesmente nos dizer como a BCI tornou-se o que é”. Examinar o passado é uma tentativa de entender, estranhar e transgredir os limites, definições e a forma do presente, nesta formulação. Para completar, Radford (1998) resgata o trabalho anterior de Bud (1995) para argumentar por uma mudança de pensamento,

discurso e pesquisa através do questionamento dos propósitos e premissas, fazendo uso das formas analíticas foucaultianas.

Esta revisão não se propõe a representar todo o conjunto das ideias foucaultianas na literatura crítica – teórica da Biblioteconomia. Por exemplo, a relação entre práticas documentárias, a sociedade disciplinar e de vigilância e as “micropráticas facilitadoras de poder institucional” (FROHMANN, 2004, p.262-63) representam uma forma das análises foucaultianas referentes às “expansões implacáveis dos sistemas racionais de administração e controle social [...] interiorizadas a tal ponto que cada pessoa se torna seu ou sua própria vigilante” (SARUP, 1989, p. 74; 80). Os conceitos são claramente relacionados àqueles já revistos mas não são temas comuns nesta literatura, nem é o objetivo trazer os casos positivos destas ideias para a Biblioteconomia e suas bases teóricas – o que já foi amplamente realizado. Mais que isto, esta revisão estabelece a influência central de Foucault e descreve, em linhas gerais, os temas presentes no núcleo desta literatura crítica. Desde que “os conceitos importados trazem estratégias discursivas” – e, portanto, incorporam problemas e formas de poder, como já mencionado por um dos autores aqui revisto (FROHMANN, 1994, p.123) – a tarefa agora se direciona para revisar as críticas a Foucault relevantes para a BCI.

Contra Foucault

Quais são os problemas trazidos pela importação conceitual de Foucault para a teoria da BCI? Começamos com a crítica que Jürgen Habermas (HABERMAS, 1987; MCCARTHY, 1987) faz a Foucault. Habermas toma Foucault a sério como um pensador e assim preocupa-se em traçar ambos os antecedentes e as consequências de sua obra:

a metáfora espacial da razão inclusiva e exclusiva revela que a crítica da razão, supostamente radical, permanece presa aos pressupostos da filosofia do sujeito da qual, no entanto, queria se desvencilhar [...] o dentro e o fora vinculam-se à dominação e à sujeição [e] então o outro da razão permanece como a imagem em espelho da razão detentora do poder (HABERMAS, 1987, p. 309)

O potencial para o júbilo estilizado no outro da razão, torna-se esotérico e pseudônimo; [...] vem como um ponto de virada na arqueologia das ciências humanas para Foucault. [...] Seja na forma de um pensamento mediado ou de uma genealogia, Heidegger e Foucault querem iniciar um discurso especial que reivindica operar fora do horizonte da razão, sem ser profundamente irracional (HABERMAS, 1987, p.307-308).

Foucault não examinou as aporias de sua própria abordagem de modo tão preciso, a ponto de descobrir como sua teoria do poder é atingida por um destino análogo. Sua teoria quer elevar-se acima daquelas pseudociências [humanas] alcançando uma objetividade mais rigorosa mas, com isso, só enreda-se mais desesperadamente nas

armadilhas de uma historiografia presentista, que se vê obrigada a um autodesmentido relativista, incapaz de dar alguma informação sobre os fundamentos normativos de sua retórica. Ao objetivismo do autoapoderamento ali corresponde aqui um subjetivismo do autoesquecimento. Presentismo, relativismo e ‘criptonormativismo’ são consequências das operações de produção, expulsando-lhe toda a subjetividade (HABERMAS, 1987, p. 295-296). A crítica radical da razão paga um alto preço ao abandonar a modernidade. (HABERMAS, 1987, p. 336).

Habermas repetidamente traça e estabelece as ligações entre Foucault e outros pensadores, colocando-o em um *continuum* que vai do romantismo niilista de Nietzsche através “da desconstrução de Derridá e do discurso contra a modernidade (HABERMAS, 1987, p. 309-310). O resultado é uma “teoria que capta o todo como irreal, e oferece a impossibilidade de fuga como a única afirmação possível [...] reiterando o tom da crítica da civilização – uma posição profundamente neoconservadora na sua visão (HABERMAS, 1985, p.81). É a sua negação contra o Iluminismo, contra a modernidade, suas posturas anti-Marx e anti-Freud, antiverdade, antilogocentrismo, e assim por diante – que define Foucault. A ação individual foucaultiana tal como é, é apropriadamente nomeada por John Tate (1999) como uma ética da transgressão. Se não há um eu – somente aquele constituído pelo discurso que o domina – então a liberdade humana é impossível. Somente aparecerá outro discurso para definir, controlar e dominar o indivíduo que não tem um motivo especial para transgredir (TATE, 1999; TAYLOR, 1984; TAYLOR, 1985). Foucault nunca conciliou sua afirmação de que seu trabalho existia para “dar um novo ímpeto [...] ao trabalho indefinível da liberdade” (FOUCAULT, 1984a, p.46) com as declarações que ele “não pensava ser possível dizer que uma coisa é a ordem de ‘liberação’ e outra é a ordem de ‘opressão’ [...] [e] eu não penso que há algo que seja funcionalmente – por sua própria natureza – absolutamente liberador” (FOUCAULT, 1984b, p. 245). Ou sua rejeição “da ideia que sob o poder com seus atos de violência e seus dispositivos nós deveríamos ser capazes de redescobrir as coisas por elas próprias em suas vivacidades primitivas” (FOUCAULT, 1988 p. 119). Esse ponto – aqui de forma simplificada – é apenas a primeira entre as objeções dos críticos de Foucault. Esses críticos notam uma série de contradições e falhas tais como a falta de uma epistemologia clara ou falta de protocolos metodológicos com os quais embasar e avaliar o seu trabalho (HABERMAS, 1986; SARUP, 1989; TAYLOR, 1984; TAYLOR, 1985; WALZER, 1988). Entretanto, para além das implicações do seu niilismo, a contribuição de Foucault para uma teoria crítica da Biblioteconomia contém aspectos específicos que também merecem ser examinados: a questão do texto e a concepção de poder.

Texto

De forma simples, Foucault conjugou muitos textos como também formas de disciplina, poder e seus objetos. Krishan Kumar coloca Foucault dentro de um *continuum* que “proclama que o conceito de ‘textualidade’ se aplica ao mundo, não somente aos livros” (KUMAR, 1997, p. 103). Da mesma forma, Pôster (1997, p. 143) traça as raízes do logocentrismo e antropomorfismo foucaultiano, ao designar os documentos como “monumentos a serem estudados como um fenômeno, em larga escala social”. Através do seu descentramento radical (ou simplesmente por ignorar) o sujeito (autor, projetista etc.) ou suas intenções. É através destas definições e desses métodos textuais que esses monumentos falam por si e revelam suas próprias lógicas internas (POSTER, 1997). Textos – isto é, formações discursivas, discursos, acordos, projetos institucionais, manuais de instrução e organizações e formações sociais, todos enredados no e com o saber e poder – tornam-se algo para ser lido e arqueológica e genealogicamente investigado, no sentido foucaultiano.

Walzer (1988) enfatiza que Foucault é altamente seletivo na escolha dos textos que lê, selecionando pessoas reais em suas experiências e preferindo permanecer no plano das regras, projetos e regulações. Isto levanta duas questões: primeiro, “sujeição para controlar não é a mesma coisa que estar na prisão: Foucault tem a tendência de sistematicamente subestimar esta diferença” (WALZER, 1988, p. 199). Segundo, disciplina física e intelectual “estão radicalmente interrelacionadas”, instrumentalizando a equação de saber com a imposição do poder (WALZER, 1988, p.201). Foucault então coloca, lado a lado, a negação do sujeito transcendental da história com a falta de “sujeitos humanos reconhecíveis, esses últimos tendo, segundo Antony Giddens, um significado cardinal” (GIDDENS, 1982, p. 222-223). Gidden ecoa Walzer na crítica à equação de Foucault, da prisão com a fábrica e sua difamação das liberdades burguesas que “tornaram-se muito reais [...] à luz das [...] sociedades totalitárias” (RADFORD, 1998, p. 622-623) e os direitos formais (mesmo que incompletos) que permitem ao trabalho organizar-se e exercer influência política. Foucault torce esse raciocínio: desde que o totalitarismo existe/existiu, ele deve estar implícito nos discursos e sistemas que nos fazem livres. Liberdade é portanto um discurso/texto mascarado de dominação/disciplina/controle. É um discurso portanto mascarado, do qual não se tem consciência e ao qual não se pode transcender.

Em relação à textual morte do sujeito, feministas e outras minorias entraram em questão:

por que é que justamente agora quando muitos de nós que fomos silenciados, começamos a demandar o direito de nos dar nome, ou de nos nomear, para agir como sujeitos, mais do que objetos de história, justo agora, o conceito de sujeito torna-se ‘problemático’? [...] E por que só agora, aparecem críticas à vontade de poder, inerente ao [nosso] esforço de criar teoria? (HARTSOCK apud GIROUX, 1988, p.24).

Este é um ponto que ressoa repetidamente: esta construção teórica e sua linguagem “é hegemônica, tanto quanto o mundo que ataca, [...] trazendo à superfície, de forma interessante, justo quando a literatura de pessoas de cor, mulheres negras, latino-americanos e africanos assumem uma posição ‘mais central’” (CHRISTIAN, 1988, p.51). Dizer a verdade para o poder – às vezes a única forma efetiva de resistência dos menos poderosos, frequentemente através da criação de seus próprios “textos” alternativos – tornam-se, meramente, um efeito de poder nos termos de Foucault (BUSCHMAN, 2003, p.46). (Isto claramente ressoa na afirmação de Habermas de que o pensamento de Foucault, inadvertidamente, desemboca numa forma de neoconservadorismo). Intimamente relacionado a isto está a noção de que existem dois Foucault. O primeiro seria continental, solidamente embasado em argumentos intelectuais com Freud e sua construção discursiva da doença mental, com Marx e seu sujeito trans-histórico do proletariado e questões de “soberania” histórica. O segundo Foucault seria o americano, apropriado pelos teóricos literários que leem e logo desconstróem textos em disciplinas – incluindo a linguagem das análises literárias. Nisto, embora aparentemente subversivo, “o aparato tradicional da textualidade é afirmado e a pureza dos tipos de coisas feitas sob a rubrica do criticismo literário [lit-crit] é confirmada” (POSTER, 2005, p. 360). É o Foucault americano, lit-crit, e o congelamento consequente das hierarquias acadêmicas e literárias – que é tão contundentemente contestado acima.

Poder

Na discussão, até aqui, passou-se por cima desta categoria, mas vale a pena lembrar, novamente, que os conceitos de Foucault estão fortemente entrelaçados (“imbricados” seria uma palavra para descrever este efeito). Vale a pena, entretanto, examinar os comentários/crítica deste conceito de poder como um gênero em separado. Poster (1997, p. 148) observa que Foucault não reduz o discurso a um “referente material ou social, mas sim constituído dentro dos jogos de poder [...] O discurso não age no sentido de dar ordem ao

poder, ele é poder”. Pôster (1997, p. 150) ainda aponta dois sérios problemas. Primeiro, nesta formulação do discurso/poder, Foucault tem como base um argumento positivista que ele não explica adequadamente: “suas novas categorias se adequam aos dados melhor do que as antigas”. Segundo, Foucault aponta conflitos nas análises do discurso/poder relativos ao nascimento das ciências sociais, como uma teoria geral da história, ou ambas. O primeiro é limitado – tornando claro suas afirmações referentes à natureza do poder. O segundo é um desafio ao Marxismo (deslocando a centralidade da classe e dos meios de produção) numa “nova formulação do poder” [como] um veículo central do controle social, e [...] como forma de compreendê-lo e desfazê-lo”. (POSTER, 1997, p.151) Entretanto, assim construído, [o poder] é radicalmente a-histórico, por exemplo, comparando o poder confessional de quatro séculos atrás com uma sessão de psicoterapia contemporânea. O que resulta na eliminação das diferenças [entre] épocas históricas, pela forma, não somente pelo conteúdo, de suas práticas discursivas.

Aos dois problemas colocados por Pôster (1997), é necessário acrescentar um terceiro: o problema que emerge da tentativa de destronar o Marxismo. Se neste novo conceito de poder não há sujeito (o proletariado, a burguesia, ou a monarquia) e o poder é de fato uma “rede de relações nas quais se está sempre e em todos os lugares ‘enredado’” (MCCARTHY, 1991, p. 54), então não há por que se opor, ou querer derrubar, o estado ou o sistema econômico vigentes. Não há moeda de troca com que se negociar; o poder não tem, então, nem origem, nem fonte. Foucault (1977) tenta uma saída ao dizer que o poder produz resistência [59, p. 205-17], mas aqui surge, novamente, uma questão fundamental: Como, por que e para que fim? Nos movimentamos

perplexos, mas sem resistência de (a) um ponto de vista no qual os regimes históricos repressivos existem, para (b) a suspeita de que até agora todos os sistemas existentes têm sido de alguma forma repressivos até (c) a máxima de Nietzsche [...] de que o discurso é uma ‘violência que nós impingimos às coisas’ e, [portanto], todos os regimes são igual ou incomensuravelmente impostos (TAYLOR, 1985, p. 380)

Giddens (1982, p. 224) nota que isto “cria uma concordância” e Walzer (1988, p. 204) afirma que desde que “não pode apontar uma alternativa [...] o criticismo social será sempre um empreendimento fútil”. Leo Marx (1994, p. 256) nota que tais formulações são “ainda mais tecnocráticas do que a ideologia distorcida do iluminismo” que os autores procuram substituir. Por exemplo, as comunicações eletrônicas somente fazem textos e discursos ainda mais onipresentes e o poder e a disciplina ainda mais efetivos e efêmeros – agora mais

relacionados ao controle econômico da mente e não só do corpo (MARSHALL, 1999). Ressalta-se, novamente, que Habermas (1987) continuamente explorou o débito de Foucault para com Nietzsche, enfatizando o consequente niilismo de seu trabalho.

Finalmente, Richard Brosio (2000) argumenta que o poder assim analisado é uma forma aliviada de opressão, convidando a uma forma aliviada de resistência/transgressão nas sociedades ricas que são insufladas com formas mais brandas de exploração, de alguma forma não visível. Existem realidades econômicas brutais – elas existem em lugares como a América Central. Há realidades políticas e governamentais brutais – como no Sudão ou Colômbia. Há uma grande narrativa em curso – a concepção neoliberal de mercado e a cultura jamesoniana. Além disto, democracia não é uma questão em discussão nesta formulação. As análises foucaultianas do poder, simplesmente, não trazem argumentos para desafio e, de fato, eliminam estas realidades por colocá-las entre parênteses e como função do discurso. Cesar Chávez estava aparentemente errado: a alface barata para os americanos era um discurso, não o resultado de uma centralização econômica ou de um complô de exploração de camponeses vulneráveis com a participação governamental exercitando coerção e poder. Sem um sujeito teórico ou habilidade de localizar um centro de poder, a transgressão fica (literalmente, sem sentido) ou esperança e as relações sociais e econômicas ficam congeladas – em estagnação.

Problemas foucaultianos na BCI

Se, como afirmamos, os conceitos trazem consigo certos problemas, uma questão filosófica maior se impõe: será que o uso destes conceitos e metodologias de Foucault leva o trabalho teórico da biblioteconomia a um caminho niilista e sem saída? Estas implicações ocupam alguns autores da BCI.

Esses papéis não são escolhidos [o papel de bibliotecário ou de usuário]: os papéis escolhem o sujeito [e] do ponto de vista de Foucault, o bibliotecário ou mesmo o acadêmico de biblioteconomia, não escapa deste discurso. A questão [...] é que esses arranjos são possíveis através de um discurso de medo [o qual] torna a biblioteca possível [...] o discurso sempre vem primeiro [e] não se pode ficar atrás ou além [dele] uma vez que, um ato de transgressão, ou só mesmo a idéia da transgressão, torna-se possível através do próprio discurso, o qual carrega um princípio de organização universal e totalizante que posiciona a biblioteca na cultura moderna e na ação institucional, o que sugeriria certa impotência. (RADFORD; RADFORD, 2001, p. 323).

Esta é uma questão essencial que uma literatura de BCI que procura colocar Foucault crítica e epistemologicamente no centro do campo, não pode mais negar. Os problemas

foucaultianos dentro dos temas da BCI são tratados como um discurso dentro de quatro áreas que serão discutidas a seguir: evitar a economia, a natureza autorreferencial da análise do discurso da BCI, imagem, e os textos não lidos da biblioteca.

Evitando a economia

A antipatia de Foucault em relação aos conceitos e categorias marxistas pode ter sido uma resistência intelectual a um discurso marxista ossificado, mas há a tendência problemática dessa forma de análise na literatura teórica da biblioteconomia que evita, de forma contundente, reconhecer a influência de fatores econômicos. Nesta literatura encontram-se apenas rápidas referências, por exemplo, ao status econômico da profissão intrincados nas análises midiáticas ou ao poder econômico dos jovens como mercado relacionado à música rock (FROHMANN, 2001; RADFORD; RADFORD, 2003). Frohmann (1992) movimentou-se gradualmente de um ponto anterior em que ele lidava com esse tema no espírito de Foucault para uma postura inteiramente foucaultiana. Seu livro recente de Ciência da Informação e suas teorias e sistemas não têm entradas indexadas para capitalismo, capitalismo e informação ou economia da informação – nem nada parecido com isso (FROHMANN, 2004). O máximo a que essa literatura chega é uma análise do “discurso de comodificação [4], mas a ênfase permanece na análise da cultura que envolve a interpretação do conteúdo cognitivo, semântico ou narrativo subjacente ao texto” (FROHMANN, 2001, p. 21).

O que foi dito acima segue o pensamento de Foucault, dada a sua suspeita fundamental em relação às grandes teorias em favor das insurreições localizadas e os conceitos relativos de verdade e sua desvalorização correlativa dos problemas concernentes a quem possui poder e por que direito, quem sofre e quem lucra– em resumo, análises marxistas e econômicas. Entretanto, eis aqui uma grande e óbvia lacuna, no momento no qual esforços são realizados em direção a uma transformação social e econômica necessários para uma nova economia baseada em informação e em um saber pós-industrial e, numa era na qual o controle da mídia se expande tão rapidamente que levanta sérias preocupações sobre controle, monitoramento e a habilidade para alternar pontos de vista, nas mídias e nas bibliotecas (BUSCHMAN, 2003; BUSCHMAN; BROSIO, 2006; MCCARTHY, 1991; TAYLOR, 1984).

A natureza autorreferencial da análise de discurso da BCI

Um discurso de BCI que foca no discurso da BCI já sofre de uma tautologia foucaultiana do poder, salientada no começo desta seção: este discurso insiste que ele é um objeto de estudo necessário e próprio, mas os meios para transcender ou melhorar as práticas discursivas da biblioteca são deixados de lado nos termos de Foucault. Algumas vezes essa literatura simplesmente evita esta questão – ou traz declarações contraditórias dentro da obra de Foucault que permitiria alguma esperança (FROHMAN, 1992; FROHMAN, 1994; RADFORD, 1992; RADFORD, 1998). Entretanto, o maior perigo é uma extrema autorreferencialidade e irrelevância. Ao ponto no qual a análise de discurso em BCI se transforma em análise de discurso da BCI:

nos termos de Foucault, este artigo é um enunciado porque aparece no contexto de uma formação discursiva particular. Em outras palavras, o artigo aparece nesse volume da *Library Quarterly* e não está interessado se [...] este artigo é acurado ou não [mas] numa perspectiva de descrever a condição na qual o texto aparece (RADFORD, 2003, p. 11).

uma parte da intenção dos textos mencionados aqui [...] é [...] controlar um argumento da linguagem empregada [e] as conclusões alcançadas pelo leitor [...] os discursos, ao mesmo tempo refletem e contribuem para a maneira que pensamos a BCI e o seu lugar na cultura contemporânea [...] e como isto emerge nos cursos profissionais (BUDD; RABER, 1998, p. 77).

Sua autoridade em determinar seu próprio trabalho pareceria estranho com Foucault (no sentido em que) diz que o significado não é determinado pelos autores, mas construído pelos leitores mas um resultado desses processos foi uma construção de uma autora (proeminente na BCI) como a mais autorizada intérprete do seu trabalho (OLSSON, 2004). A mudança de preocupação das teorias da BCI dos sistemas de informação para o usuário é especialmente adequada para o papel das teorias da BCI na construção discursiva de identidades específicas (FROHMAN, 1994).

Novamente a questão é colocada: Qual é o ponto? Poderíamos dizer que este artigo é em si mesmo um “enunciado” neste discurso, mas como argumentei em outra oportunidade, a adoção de uma epistemologia pós-metafísica (Habermas, neste caso) não precisa eliminar a mudança (e de fato explica a história real) e mesmo os desenvolvimentos em biblioteconomia: o significado, construído social e linguisticamente no tempo, ao lado da maneira pelas quais as pessoas racionalmente constroem a compreensão e como um pano de fundo social/normativo fornece uma base – embora corrompida – para um autoconhecimento

reflexivo e uma formação de uma vontade política democrática (BUSCHMAN, 2006).. Por outro lado, Foucault na BCI parece ter-nos deixado com estratégias sem projetos (TAYLOR, 1984).

Dois outros aspectos relacionados à autorreferência e autoridade precisam ser considerados. Primeiro, a descrição anterior de Frohmann a respeito do discurso da BCI, de 1876 até o presente, como um exercício do poder sobre a informação e o usuário, pode certamente ser criticada nos seus próprios termos foucaultianos. Ela apropria um discurso e descreve seus limites de forma a construir uma disciplina no duplo sentido foucaultiano. (1) como um exercício em disciplina (poder) via uma metodologia e (2) como uma categorização no discurso e, portanto, formando a disciplina da BCI – simultaneamente configurando um campo de ignorância, como colocado por ele próprio (SIMONS, 2004). Que vantagem uma análise da BCI assume que a coloca fora de tal crítica – e novamente, para que fins? Segundo este discurso, embora proeminente é, para citar Frohmann (1994, p.120-21) “feito pelos falantes institucionalmente privilegiados”: os professores de BCI e aqueles prestigiados de outros campos que se interessaram por Biblioteconomia. Isto, em si mesmo, não é necessariamente notável, mas o problema da autorreferencialidade é real. Alguém que respondeu a uma pesquisa em BCI notou que “nós somos um campo pequeno, nos comunicamos o tempo todo, frequentamos as mesmas conferências e talvez por isso não haja muitas citações negativas; não queremos criticar muito, uns aos outros” (OLSSON, 2004). Há outros exemplos, mas estes são suficientes. Entretanto, é a reação daqueles que estão fora deste círculo (um conceito foucaultiano importante e repetidamente usado nesta literatura) que está se revelando. Por exemplo, um autor um pouco distante que caracterizou a escrita da BCI como monte de lixo foi descrito como pouco caridoso, enquanto dois outros autores afiliados a escolas de Biblioteconomia americanas (e periódicos do campo) que chegaram às mesmas conclusões são descritos muito mais cautelosamente (FROHMAN, 1994). Artigos escritos por um bibliotecário ou por um professor da educação (dois clássicos exemplos de perfil epistemológico modesto nos termos de Foucault) que, especificamente, criticam posições positivistas da Biblioteconomia, de um ponto de vista não foucaultiano, foram identificados com o positivismo *a priori* da neutralidade bibliotecária (RADFORD, 1992). Ainda, quando um diretor de biblioteca ameaça parte desta literatura numa publicação, a reação foi rápida (RADFORD; BUDD, 1997; ZWADLO, 1997). A despreocupação foucaultiana com acuidade e com a verdade foi jogada pela janela, neste caso, e novamente esta literatura parece assumir, por vezes, uma postura menos preocupada com autoridade e crítica.

Imagem

No extrato de Habermas (1987, p. 307), “o potencial para o júbilo estilizado no outro da razão”, o baluarte do foco e da linguagem foucaultiana em vários textos, parece assentar-se sobre uma imagem antiga da profissão: uma imagem pobre. Enquanto que a chance de analisar estereótipos em filmes *Party Girl* (RADFORD; RADFORD, 2003), *Pagemaster*, *Sophie’s Choice* e em fitas UHF (RADFORD; RADFORD, 2001) e em comerciais (RADFORD; RADFORD, 1997) servem para desdobrar estas imagens, eles ainda focalizam aspectos do campo que já foram criticados por serem obsessivos e por trivializarem nosso trabalho e pesquisa. (O ensaio de Polly Thistlewaire chamado “*Old Maids and Fairies*” demonstra por que os problemas com a imagem nos preocupam tanto – particularmente aos homens: porque os “estereótipos mostram *QUEER* (com Q maiúsculo)”² (THISTLETHWAITE, 2003). De acordo com Brosio, trazer imagens midiáticas populares é uma forma aliviada de transgressão e, embora engraçada, não ajuda a desafiar a discrepância de gênero em imagens de poder, competência e autoridade em suas relações com a tecnologia realizada pelos bibliotecários e pelos que trabalham com informação – pelo menos nesta área em que as análises poderiam ter um efeito positivo (DILEVKO; HARRIS, 1997). Da mesma maneira, nós podemos ver o tema das imagens do trabalho do bibliotecário e da informação de uma forma mais vibrante, no sentido de fazer emergir ideias e métodos de vanguarda:

o campo tem estado atrasado na tomada de consciência de uma pesquisa qualitativa [...] pesquisa em BCI tem sido caracterizada, geralmente, por um conjunto frouxo de abordagens, [...] mas uma apreciação séria do potencial da pesquisa qualitativa ainda está para surgir.[...] Análise do discurso coloca-se aqui também (FROHMAN, 2001, p. 119).

Em outra oportunidade, este mesmo autor invoca lamentações de esterilidade, que ao mesmo parece “coexistir alegremente com [...] a extraordinária permissão apreciada pela teoria da BCI” (FROHMAN, 1992, p. 366). A inocência epistemológica também parece machucar a nossa imagem.

² *Queer* significa estranho, mas também é usada como gíria para homem homossexual (N.T.).

Os textos não lidos das bibliotecas

Da mesma forma que Foucault preferiu projetos de prisões e manuais para classificar e tratar prisioneiros ou doentes mentais, a BCI foucaultiana escolhe textos sobre bibliotecas altamente seletivos. A Tentação de Santo Antônio, de Flaubert (com a Fantasia da biblioteca, de Foucault), (FROHMAN, 1994; FROHMAN, 2004; RADFORD, 1998; RADFORD;RADFORD, 2005). *The Llibrary policemen*, de Stephen King, *Forward the Foundation*, de Isaac Asimov (RADFORD; RADFORD, 2001), e O nome da Rosa, de Umberto Eco (RADFORD; RADFORD, 1997), são exemplos proeminentes. Nestes exemplos, e nas leituras da BCI, as bibliotecas são repletas de poder, controle, medo e contradições radicais. Wiegand identificou que as bibliotecas que se fazem presentes no dia a dia (há mais bibliotecas públicas do que restaurantes Mcdonald's, os usuários das bibliotecas procuram três vezes mais estas instituições do que pessoas assistem a jogos de futebol americano universitário, visitam-se mais bibliotecas do que parques nacionais nos EUA etc. (WIEGAND, 2003) são subestimadas, não sendo estudadas. A mesma situação ocorre com os testemunhos reais das pessoas sobre a importância das bibliotecas e da leitura em suas vidas. A revista *American Libraries* reuniu uma série de depoimentos em uma coluna chamada *Thus Said*, na qual pessoas proeminentes continuamente repetem estes temas: “A minha sorte foi ter pais que compartilhavam seu amor à leitura e que me introduziram às maravilhas das bibliotecas”; “Eu fecharia qualquer bar ou igreja antes de permitir que minha biblioteca fosse fechada”; “Eu aplaudo a determinação das bibliotecas universitárias, pois se os estudantes [...] não pudessem ver, ou sentir e tocar os livros escritos pela humanidade e ler, estariam perdendo a essência do que é ser humano”; “Mais do que um prédio que guarda livros e dados, a biblioteca representa uma janela para o mundo” ”(Mark Fallon, Richard Russo, Jean Ballard Terepka, e Barack Obama, respectivamente, citados em AMERICAN, 2005; BUDD, 1995; TAYLOR, 1984).

A resposta foucaultiana é, naturalmente, que isto representa seu próprio discurso não analisado de poder, mas isto é, simplesmente, uma justificativa simplista. Trata-se do lado lit-crit americano de Foucault, o que essencialmente interessou a Wiegand: o fato de que as bibliotecas sejam, no senso comum, um lugar bom faz com que seu discurso de poder seja mais escondido e sinistro, talvez até demonstrando que as bibliotecas e a leitura são mais dominantes que o Mcdonald's – ou a televisão. Bibliotecas na seleção das leituras da BCI são comparadas com fortalezas, catedrais, tumbas, criptas, labirintos, monastérios, edifícios de

outro mundo, violência, controle, restrição, humilhação e limites entre coerência e incoerência (FROHMANN, 2004; RADFORD, 1992; RADFORD; RADFORD, 1997; RADFORD, 2003; RADFORD; RADFORD, 2005). Isto ressoa na fraqueza notada anteriormente nas críticas de Walzer e Giddens, o foco representa uma escolha (e um exercício de poder?) para ignorar o significado dos textos mundanos em favor do exótico, do problemático e da contradição. Se, como apontado por Pôster (POSTER, 2005), Foucault não pode justificar suas escolhas de tópicos e textos, é difícil ver os autores da BCI justificarem suas próprias escolhas. Estas várias leituras falham na medida em que não desafiam a economia e as relações de poder (via gênero e agora vigilância na era do *USA PATRIOT Act*³) e elas representam somente uma leitura parcial e esquemática das bibliotecas. Outra vez uma tautologia foucaultiana que elimina a ordem é muito simplificada e um tanto quanto autorreferencial.

Tom Mann (2006, p. 204) desafia este tipo de pensamento em seu ataque ao discurso econômico e instrumental da BCI e suas práticas gerenciais:

Nossa profissão aparentemente esquece que as bibliotecas de pesquisa continuarão necessárias para propósitos cruciais não alcançáveis por armazenagem remota ou digitalização massiva de livros. Especificamente estes propósitos são:

- Coletar em forma impressa publicações não disponíveis *on line* por restrições de direito autoral;
- Tornar tais fontes disponíveis e acessíveis dentro dos espaços públicos definidos [como as bibliotecas e] amplamente distribuídas entre milhares de comunidades;
- Catalogar - mais do que somente inventariar- os livros [para] criar categorizações, relações, e redes de relações conceituais ao mesmo tempo que elimina associações irrelevantes;
- Facilitar a busca em profundidade de assuntos e reconhecer, sistematicamente, as descobertas por meio de estantes classificadas que capacitam os acadêmicos a navegar em textos relacionado de forma contígua;
- Disponibilizar o formato que promova a leitura de extensos textos narrativos necessários para a transmissão do conhecimento e para preservar registros por séculos, não somente por décadas.

Nossa liderança, flutuando a 1500 metros de altura, aparentemente não dá conta dos requisitos da cultura que se localiza no nível do chão estamos cegos tanto para a importâncias das bibliotecas reais quanto para as fraquezas da Internet e estamos transformando as bibliotecas de pesquisa, justamente, em seus opostos.

³ *USA PATRIOT Act* refere-se a um ato do Congresso dos Estados Unidos assinado por George Bush em 2001. O acrônimo significa “Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act”, algo como *Ato para Unir e Fortalecer a América Providenciando Ferramentas Apropriadas Necessárias para Interceptar e Obstruir o Terrorismo*, de 2001 (N.T.).

A análise de Mann demonstra que olhar o discurso – ou um discurso – não leva, por definição, à estagnação. Crítica, desafio e mudanças positivas são possíveis. A aposta de Mann foi antecipada por Wiegand (apud BUSCHMAN, 2003, p. 48), que percebeu que os esquemas de classificação bibliotecária são falhas, mas “constituem uma das poucas pontes disponíveis para todos usuários, pois ajudam a religar as ilhas separadas do discurso [...] O capitalismo não necessariamente aprecia [tudo] isto; a democracia, sim”. Finalmente, há um aspecto a-histórico nas leituras das bibliotecas da BCI que ecoa na crítica destacada, anteriormente, por Poster. As mudanças históricas/institucionais (diríamos democratização ou progresso?) e desenvolvimentos sociais amplos (como a educação pública) estavam implícitas em que biblioteconomia? O texto da biblioteconomia, lido nestes termos, não admite desenvolvimentos históricos ou possibilidades futuras. Há, em resumo, uma vasta parte da biblioteconomia não lida que aponta para uma mudança potencial e benéfica, acima das habilidades dos leitores e dos usuários.

Conclusão

A maioria dos pensadores usados aqui para criticar Foucault (por exemplo, Poster) faz-no para apreender e desenvolver seus insights mais importantes e efetivos. Mesmo Habermas (1986, p. 107), o crítico mais severo de Foucault, reconhece sua influência: “Foucault é quem mais tem influenciado o *Zeitgeist*⁴, por causa da seriedade com a qual ele insiste em suas contradições produtivas. Somente um pensamento complexo produz contradições produtivas”, um ponto ressaltado por Walzer (1988, p. 193, 209), que o chama importantemente errado e credita a Foucault o fato de ter-nos forçado a reconhecer que “não há este lugar de valores puros” e “que não há valor intocado pelo poder” [25, p. 193, 209]. Contrastando com esses reconhecimentos da influência importante mas limitada, a teoria foucaultiana da BCI reclama por um território mais puro, mais limpo :

uma grande análise que levará os acadêmicos de biblioteca para além do seus domínios tradicionais [...] para situar a biblioteca [...] dentre dos sistemas atuais de poder e saber que constituem e mantêm todos os discursos e instituições da civilização ocidental contemporânea [...] um grande passo, mas [...] que os acadêmicos de biblioteca necessitam levar a sério (RADFORD; RADFORD, 2001, p. 325).

Os autores trazidos aqui da BCI estão engajados em um projeto específico de construção de uma teoria crítica e viável da Biblioteconomia. Entretanto, uma importação

⁴ *Zeitgeist*, em alemão, Espírito de Época (N.T.).

teórica que rejubila contra possibilidades e mudanças positivas leva à estagnação. As afirmações de Foucault (1977, p. 203-231), tais como “imaginar outro sistema é estender nossa participação no sistema atual [...] esta necessidade de teoria é parte do sistema que rejeitamos”, define estagnação e reflete na teoria da biblioteconomia e ciência da informação. Depois de ter revisado amplamente e criticado o problema de uma variedade de teorias e de apropriações teóricas desconstrutivistas (um tanto quanto através de uma perspectiva foucaultiana) em biblioteconomia Day (2005, p. 602–603), só pôde concluir que

apesar desta fraqueza teórica e [...] de enormes desastres teóricos, a prática da ciência da informação tem produzido sucessos. Os discursos teóricos e as atividades práticas não são e não devem ser associados casualmente, em nenhuma prática determinada; como na medicina medieval, as fundações teóricas místicas e os sucessos da prática podem coexistir em um campo de pesquisa.

Sua análise só leva a mais análise de discurso, mais desconstrução de termos/conceitos essenciais e mais fragmentação. Para Day (2005), há sempre uma estrutura maior de discurso e dominação nos rondando, requerendo e, simultaneamente, não há sujeito ou solo para definir e defender liberdade – o binômio da necessidade.

Pode ser transgressivo focar nos padrões e contradições discursivos em BCI ou desconstruir imagens midiáticas revelando seu poder discursivo intrínseco, mas o desprezo de Habermas sobre é bem-vindo. Uma variação de um comentário anterior é que o trabalho de Foucault “parece ser uma estratégia sem sujeito” (SARUP, 1989, p. 89). Como Walzer (1988, p. 209) afirma: “não podemos ser críticos a menos que pertençamos a algum lugar social e adotemos, embora provisoriamente, seus códigos e categorias. Ou ao menos [...] construamos [...] um novo lugar e novos códigos e categorias. Foucault recusa a ambos”. Argumentamos aqui que o lugar de Foucault no centro desta literatura representa, em última análise, não uma transgressão com um propósito, mas uma estagnação. O objetivo não é conservador, mas os resultados são. Uma leitura foucaultiana é apenas uma leitura parcial do “texto” biblioteca. É uma importação conceitual com sua própria agenda discursiva, que elimina a maioria dos propósitos finais de tal crítica.

Como a maioria dos críticos de Foucault, não me contento em parar aí. O objetivo é enfatizar uma problemática de longa duração presente no trabalho de Foucault, que tem sido muito analisada, e muito se tem escrito sobre ela para embasar um projeto de biblioteconomia crítica que utilize o pensamento foucaultiano.

Como já mencionei em outra oportunidade, o esforço acadêmico educacional crítico oferece um exemplo instrutivo de um campo que tem lutado com o puxa-empurra de ideias e das formas de incorporá-las (BUSCHMAN; BROSIO, 2006). Nesse sentido, Henry Giroux (1988, p. 25-27) nota que

mais do que negar as preocupações modernas da vida pública e da racionalidade crítica [nós devemos] pavimentar [...] o solo no qual aprofundar e estender essas preocupações. [...] engajamentos com fundacionalismo, cultura, diferença, e subjetividade são a base para indagarmos o ideal modernista do que seja uma vida decente e humana [...] Falar do público deve envolver simultaneamente o discurso de uma pluralidade engajada e de uma cidadania crítica [...] e condições que organizem a vida pública como uma forma social e democrática mais do que falar em um regime de terror e oposição [...] argumentamos em favor de uma linguagem na qual vozes e tradições diferentes existem e florescem à medida que ouvem as vozes alheias, engajadas num esforço positivo no sentido de eliminar sofrimentos, objetivos e subjetivos, mantendo condições tais nas quais o ato de comunicação e de vida aumente mais do que restrinja a criação de formas públicas democráticas.

Se Foucault puder ser recrutado para ajudar, como Dick Hebdige (apud GIROUX, 1997, p.117) afirma “de uma forma aberta, considerando evidências que até então eram inadmissíveis e abolindo a dominação pelos especialistas, então ele pode ser útil à Biblioteconomia no sentido de ampliar nossas possibilidades coletivas (e democráticas)”. Se, entretanto, nossa teoria da biblioteconomia fragmenta o campo radicalmente, radicalmente divide a teoria e a prática, e teimosamente joga contra um propósito, então possibilidades tornam-se impossibilidades e nós, nas palavras do filósofo educacional Máxime Green (2001, p. 116), ficamos impedidos de “pensar em coisas como se elas pudessem ser de outra forma”.

Referências

AMERICAN LIBRARIES. Chicago: American Library Association, Aug. 2005.

BROSIO, RICHARD A. **Philosophical Scaffolding for the Construction of Critical Democratic Education**. New York: Lang, 2000.

BUDD, JOHN M.; RABER, DOUGLAS. The cultural state of the Fin de Mille'naire Library. **Library Quarterly**, v. 68, p. 55–79, Jan.1998.

BUDD, JOHN M. An epistemological foundation for Library and Information Science. **Library Quarterly**, v. 65, p. 295–318, July 1995.

_____. Instances of ideology in discursive practice: implications for Library and Information Science. **Library Quarterly**, v. 71, p. 498–517, Dec. 2001.

_____. **Knowledge and knowing in Library and Information Science:** a philosophical approach. Lanham: Scarecrow, 2001.

BUSCHMAN, JOHN E. **Dismantling the public sphere:** situating and sustaining Librarianship in the age of the new public philosophy. Westport: Libraries Unlimited, 2003.

_____. The integrity and obstinacy of intellectual creations: Jürgen Habermas and Librarianship's theoretical literature. **Library Quarterly**, v. 76, p. 270–99, July 2006.

BUSCHMAN, JOHN; BROSIO, RICHARD A. A critical primer on postmodernism: lessons from educational scholarship for Librarianship. **Journal of Academic Librarianship**, v. 32, p. 408–418, July 2006.

CHRISTIAN, BARBARA. The race for theory. **Feminist Studies**, v. 14, p. 67–79, Spring 1988.

DAY, RONALD E. Poststructuralism and Information Studies. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 39, p. 575–609, 2005.

DICK, ARCHIE L. Library and Information Science as a Social Science: neutral and normative conceptions. **Library Quarterly**, v. 65, p. 216–35, April 1995.

DILEVKO, JURIS; HARRIS, ROMA. Information technology and social relations: portrayals of gender roles in high tech product advertisements. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, p. 718–727, Aug. 1997.

FOUCAULT, MICHEL. About the beginning of the hermeneutics of the self: two lectures at Dartmouth. **Political Theory**, v. 21, p. 198–227, May 1993.

_____. **Discipline and punish:** the birth of the prison. New York: Vintage, 1979.

_____. Fantasia of the library. In: BOUCHARD, DONALD. **Language, counter-memory, practice:** selected essays and interviews. Ithaca: Cornell University Press, 1977. p. 87–109.

_____. History of systems of thought. In: BOUCHARD, DONALD (ed.) **Language, counter-memory, practice:** selected essays and interviews. Ithaca: Cornell University Press, 1977. p. 199–204.

_____. Omnes et singulatim: towards a criticism of political reason. In: MCMURRIN, STERLING (ed.) **The Tanner lectures on human values**. Salt Lake City: University of Utah Press, 1981b. p. 225–54.

_____. On power. In: KRITZMAN, LAWRENCE D **Politics, philosophy, culture:** interviews and other writings, 1977–1984. New York: Routledge, 1988. p. 96–109.

_____. Power and sex. In: KRITZMAN, LAWRENCE D., **Politics, Philosophy, Culture:** interviews and other writings, 1977–1984. New York: Routledge, 1988. p. 110–124.

FOUCAULT, MICHEL. Revolutionary action: 'until now.' In: BOUCHARD, DONALD. **Language, countermemory, practice:** selected essays and interviews. Ithaca: Cornell University Press, 1977. p. 218–233.

_____. Space, knowledge, and power. In: RABINOW, PAUL. **The Foucault reader**. New York: Pantheon, 1984b. p. 239–256.

_____. **The Archaeology of knowledge**. New York: Pantheon, 1972.

_____. The order of discourse. In: YOUNG, ROBERT (ed.) **Untying the text: a post-structuralist reader**. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1981a. p. 48–78.

_____. The subject and power. **Critical Inquiry**, v. 8, p. 777–795, Summer 1982.

_____. Truth and power. In: RABINOW, PAUL. **The Foucault reader**. New York: Pantheon, 1984. p. 51–75.

_____. What is enlightenment? In: RABINOW, PAUL. **The Foucault reader**. New York: Pantheon, 1984a. p. 32–50.

FOUCAULT, MICHEL; DELEUZE, GILLES. Intellectuals and power. In: BOUCHARD, DONALD. **Language, countermemory, practice: selected essays and interviews**. Ithaca: Cornell University Press, 1977. p. 205–217.

FROHMANN, BERND. The ethics of Information Science theory. In: ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE, 55., 1992, Pittsburgh.

_____. **Deflating information: from Science Studies to Documentation**. Toronto: University of Toronto Press, 2004.

_____. Discourse analysis as a research method in Library and Information Science. **Library and Information Science Research**, v.16, p. 119–138, 1994.

_____. Discourse and documentation: some implications for pedagogy and research. **Journal of Education for Library and Information Science**, v. 42, p.12–26, Winter 2001.

_____. The power of images: a discourse analysis of the cognitive viewpoint. **Journal of Documentation**, v. 48, p. 365–86, Dec. 1992.

GIDDENS, ANTHONY. **Profiles and critiques in social theory**. Berkeley: University of California Press, 1982.

GIROUX, HENRY. Postmodernism and the discourse of educational criticism. **Journal of Education**, v. 170, n. 3, p. 5–30, 1988.

_____. Crossing the boundaries of educational discourse: modernism, postmodernism, and feminism. In: HALSEY, A. H. et al. **Education: culture, economy, and society**. New York: Oxford University Press, 1997. p. 113–130.

GREENE, MAXINE. **Variations on a blue guitar: the Lincoln Center Institute Lectures on Aesthetic Education**. New York: Teachers College Press, 2001.

HABERMAS, JÜRGEN. Modernity versus postmodernity. **New German Critique**, v. 22, p. 3–14, Winter 1981.

HABERMAS, JÜRGEN. A philosophico-political profile. **New Left Review**, v. 151, p. 75–105, May–June 1985.

_____. Taking aim at the heart of the present. In: HOY, DAVID COUZENS. **Foucault: a critical reader**. New York: Blackwell, 1986. p. 103–108.

_____. **The philosophical discourse of modernity: twelve lectures**. Cambridge: MIT Press, 1987.

HARRIS, MICHAEL. Review of Michel Foucault, by Didier Eribon. **Library Quarterly**, v. 63, p. 115–116, Jan.1993.

KUMAR, KRISHAN. The Post-modern Condition. In: HALSEY, A. H. et. al (eds.) **Education: Culture, Economy, and Society**. New York: Oxford University Press, 1997. p. 96–112.

LINN, RAY. **A teacher's introduction to postmodernism**. Urbana: National Council of Teachers of English, 1996.

MANN, THOMAS. The importance of books, free access, and libraries as places—and the dangerous inadequacy of the Information Science paradigm. **Journal of Academic Librarianship**, v. 27, p. 268–281, July 2001.

_____. The research library as place: on the essential importance of collections of books shelved in subject-classified arrangements. In: Buschman, John; Leckie, Gloria. **The library as place: history, community, and culture**. Westport: Libraries Unlimited, 2006. p. 191–206.

MARSHALL, JAMES. The mode of information and education: insights on critical theory from Michel Foucault. In: POPKEWITZ, THOMAS; FENDLER, LYNN. **Critical theories in education: changing terrains of knowledge and politics**. New York: Routledge, 1999. p. 145–167.

MARX, LEO. **Does technology drive history? The dilemma of technological determinism**. Cambridge: MIT Press, 1994. p. 237–257.

_____. The idea of technology and postmodern pessimism. In: SMITH, MERRITT; MCCARTHY, THOMAS. Introduction. In: HABERMAS, JURGEN. **The philosophical discourse of modernity: twelve lectures**. Cambridge: MIT Press, 1987.

MCCARTHY, THOMAS. **Ideals and illusions: on reconstruction and deconstruction in contemporary critical theory**. Cambridge: MIT Press, 1991.

OLSSON, MICHAEL. Meaning and authority: the social construction of an 'author' among information behaviour researchers. In: INFORMATION SEEKING IN CONTEXT (ISIC) CONFERENCE, 2004, Dublin.

PETTIGREW, KAREN E; MCKECHNIE, LYNNE. The use of theory in Information Science research. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 52, p. 62–73, Jan. 2001.

POSTER, MARK. **Cultural history and postmodernity**: disciplinary readings and challenges. New York: Columbia University Press, 1997.

_____. Foucault, Michel. In: GRODEN, MICHAEL; KREISWIRTH, MARTIN; SZEMAN, IMRE. (ed.s) **The Johns Hopkins guide to Literary Theory and criticism**. 2. ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2005. p. 357–360.

RADFORD, GARY P.; BUDD, JOHN M. We do need a philosophy of Library and Information Science—we're not confused enough: a response to Zwadlo. **Library Quarterly**, v. 67, p. 315–321, July 1997.

RADFORD, MARIE L.; RADFORD, GARY. Librarians and party girls: cultural studies and the meaning of the librarian. **Library Quarterly**, v. 73, p. 54–69, Jan. 2003.

_____. Libraries, Librarians, and the Discourse of Fear. **Library Quarterly**, v. 71, p. 299–329, July 2001.

_____. Power, knowledge, and fear: feminism, Foucault, and the stereotype of the female librarian. **Library Quarterly**, v. 67, p. 250–266, Oct. 1997.

_____. Structuralism, post-structuralism, and the library: de Saussure and Foucault. **Journal of Documentation**, v. 61, p. 60–78, 2005.

RADFORD, GARY. Flaubert, Foucault, and the *Bibliothèque Fantastique*: toward a postmodern epistemology for Library Science. **Library Trends**, v. 46, p. 616–634, Spring 1998.

_____. Positivism, Foucault, and the fantasia of the library: conceptions of knowledge and the modern library experience. **Library Quarterly**, v. 62, p. 408–424, Oct. 1992.

_____. Trapped in our own discursive formations: toward an Archaeology of Library and Information Science. **Library Quarterly**, v. 73, p. 1–18, Jan. 2003.

SAID, EDWARD. Deconstructing the system. **New York Times**, Nova York, 17 dez. 2000. Disponível em: <<http://www.nytimes.com>.>

SARUP, MADAN. **An introductory guide to post-structuralism and postmodernism**. Athens: University of Georgia Press, 1989.

SIMONS, JON. Michel Foucault (1926–1984). In: SIMONS, JON. **Contemporary critical theorists**: from Lacan to Said. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004. p. 185–200.

TATE, JOHN. Posting modernity to the past? **Telos**, v. 115, p. 79–94, Spring 1999.

TAYLOR, CHARLES. Connelly, Foucault, and truth. **Political Theory**, v. 13, p. 377–385, Aug. 1985.

_____. Foucault on freedom and truth. **Political Theory**, v.12, p.152–183, May 1984.

THISTLETHWAITE, POLLY. Old maids and fairies: the image problem. In: ROBERTO, KATIA; WEST, JESSAMYN.(eds.) **Revolted librarians redux**: radical librarians speak out. Jefferson: McFarland, 2003. p. 92–94.

TUOMINEN, KIMMO. User-centered discourse: an analysis of the subject positions of the user and the librarian. **Library Quarterly**, v. 67, p. 350–371, Oct.1997.

WALZER, MICHAEL. **The company of critics**: social criticism and political commitment in the twentieth century. New York: Basic, 1988.

WIEGAND, WAYNE A. Tunnel vision and blind spots: what the past tells us about the present; reflections on the twentieth-century History of American Librarianship. **Library Quarterly**, v. 69, p.1–32, Jan.1999.

WIEGAND, WAYNE. To reposition a research agenda: what American Studies can teach the LIS community about the library in the life of the user. **Library Quarterly**, v. 73, p. 369–382, Oct. 2003.

WOLIN, SHELDON S. Political Theory as a Vocation. **American Political Science Review**, v. 63, p. 1062–82, Dec. 1969.

ZWADLO, JIM. We don't need a Philosophy of Library and Information Science: We're confused enough already. **Library Quarterly**, v. 67, p.103–121, April 1997.

A comissão editorial agradece ao prof. Buschman
a gentileza com que permitiu a tradução do texto publicado
originalmente na revista *Library Quarterly*, vol. 77, no. 1, pp. 21–44, 2007

Tradução: Denise Viuniski da Nova Cruz
Revisão: Solange Puntel Mostafa